
**A ARTE ATRÁS DO PALCO: CAMINHOS
DOMÉSTICOS DO CANTADOR JOÃO
SIQUEIRA DE AMORIM E A MEMÓRIA DE
DONA RAIMUNDA SIQUEIRA DE AMORIM**

Marília Soares Cardoso

Universidade Estadual do Ceará. Professora da rede privada de ensino básico.

A ARTE ATRÁS DO PALCO: CAMINHOS DOMÉSTICOS DO CANTADOR JOÃO SIQUEIRA DE AMORIM E A MEMÓRIA DE DONA RAIMUNDA SIQUEIRA DE AMORIM**THE ART BEHIND THE STAGE: DOMESTIC PATHS OF THE SINGER JOÃO SIQUEIRA DE AMORIM AND THE MEMORY OF DONA RAIMUNDA SIQUEIRA DE AMORIM**

Marília Soares Cardoso

RESUMO

Este artigo é fruto do trabalho de uma pesquisa maior, produzida durante minha participação em bolsas de iniciação científica sobre culturas populares e cantoria nordestina, que resultou no meu trabalho de conclusão de curso em História, pela Universidade Estadual do Ceará, em 2016. A saber, a monografia é intitulada “Os Caminhos da Vida de João Siqueira de Amorim: construção do cantador-narrador da cantoria imaginada (1947-1967)”. O que será apresentado, aqui, é um fragmento que nos conduziu a reflexões importantes sobre a trajetória de vida do cantador, reveladas no “quente” do fazer fazendo. A partir, sobretudo, do desejo de investigar o não-dito pelo cantador Siqueira de Amorim em seus escritos público-jornalístico-literários. Mapear o “campo doméstico” - oportunamente omitido das suas crônicas publicadas em periódicos da época - e escutar quem conviveu e contribuiu para a construção da trajetória profissional de Siqueira, elevou a investigação a uma maior complexidade de análise e garantiu novos contornos àquilo que já estava catalogado enquanto fonte primária. Faltava a memória viva, a fala envelhecida pelo tempo, a constatação da seletividade do que foi experienciado. Revelou-se fundamental, portanto, apropriarmos-nos da entrevista feita com a senhora Raimunda Mariano de Amorim, esposa do cantador João Siqueira de Amorim, para compreendermos as minúcias e sensibilidades da historicidade do nosso objeto. O percurso para as possibilidades interpretativas de suas escolhas e subjetividades ficou mais nítido ao assumirmos a necessidade de documentar o registro oral e mnemônico da viúva. Lançamos mão, aqui, das contribuições sugeridas pela História Oral como ferramenta que nos permitiu expandirmos o aporte metodológico e teórico a partir do qual analisamos a trajetória de vida desse “narrador de cantorias” que não costurou seu caminho sozinho. Pelo contrário, contou com a participação discreta, ainda que fortemente engajada de sua, então, esposa para sustentar a dureza encontrada nos bastidores do fazer artístico de João Siqueira, sobre os quais não houve nenhum holofote.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral; Memória; Sensibilidades; Trajetória de vida; Culturas populares.

ABSTRACT

This article is the result of the work of a larger research, produced during my participation in scientific initiation scholarships on popular cultures and northeastern singing, which resulted in my course conclusion work in History, at the State University of Ceará, in 2016. Namely, the monograph is entitled “The Life Paths of João Siqueira de Amorim: construction of the singer-narrator of the imagined singing (1947-1967)”. What will be presented here is a fragment that led us to important reflections on the singer's life trajectory, revealed in the “hot” of doing by doing. From, above all, the desire to investigate the unsaid by the singer Siqueira de Amorim in his journalistic-literary public writings. Mapping the “domestic field” - opportunely omitted from his chronicles published in periodicals of the time - and listening to those who lived with and contributed to the construction of Siqueira's professional trajectory, raised the investigation to a greater complexity of analysis and guaranteed new contours to what was already cataloged as a primary source. There was a lack of living memory, speech aged by time, the confirmation of the selectivity of what was experienced. It was essential, therefore, to appropriate the interview made with Mrs Raimunda Mariano de Amorim, wife of the singer João Siqueira de Amorim, to understand the details and sensibilities of the historicity of our object. The path towards the interpretive possibilities of her choices and subjectivities became clearer when we assumed the need to document the widow's oral and mnemonic record. Here, we use the contributions suggested by Oral History as a tool that allowed us to expand the methodological and theoretical contribution from which we analyzed the life trajectory of this “song narrator” who did not make his way alone. On the contrary, he counted on the discreet, albeit strongly engaged, participation of his then wife to sustain the harshness found behind the scenes of João Siqueira's artistic work, on which there was no spotlight.

KEY WORDS: Oral History; Memory; sensitivities; Life trajectory; Popular cultures.

REFLEXÕES METODOLÓGICAS. ENTRE A PRODUÇÃO DE FONTES HISTORIOGRÁFICAS E MEMÓRIA.

Este artigo é um fragmento da pesquisa de conclusão da minha graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará, apresentada em 2016, intitulada “Pelos caminhos da vida de João Siqueira de Amorim: construção do cantador-narrador da cantoria imaginada (1947-1967)”. Investigação que iniciou a partir de uma possibilidade de reflexão sobre a cantoria nordestina. A trajetória de análises, de leituras e de novas fontes percorridas até nos depararmos com nosso objeto foi múltipla de possibilidades e encontros com outros tantos sujeitos sócio-históricos construtores da(s) cultura(s) popular(es).

Durante minha participação no grupo de pesquisa intitulado “Cantadores nordestinos: tradição e reinvenção de uma arte-vida pelo dito pós-moderno. 1960 – 2009” pesquisei durante cerca de dois anos o jornal O Unitário e os periódicos Gazeta de Notícias (G.N.) e Tribuna do Ceará (T.C.) que abrangiam o recorte temporal da pesquisa. Contudo, pela “curiosidade investigativa” (e histórica!) do orientador da pesquisa, Francisco J.G. Damasceno, começamos, eu e outra companheira bolsista, a pesquisar periódicos que

antecederam a década de 1960 para sabermos se haveria novos vestígios, novos rastros que nos mostrassem a cantoria adentrando um espaço “novo”, “dito moderno”, urbano. Tudo isso, a partir, sobretudo da perscruta dos jornais: Gazeta de Notícias (G.N.) e o Tribuna do Ceará (T.C.) a partir dos quais nos deparamos com um trabalho continuado do cantador Siqueira de Amorim registrando suas memórias, reflexões e a forma como ele própria estivera inscrito no meio da cantoria nordestina.

Esse meio a que nos referimos é o universo plural no qual a cantoria é sujeito: as culturas populares. É preciso destacar que não entendemos esse fazer cultural de forma uniforme. Enxergamos cultura popular no plural (CERTEAU, 1994, p. 78, 79.), seus fazeres, as formas como as expressões populares são multifacetadas, cheias de matizes dissonantes, com ferramentas múltiplas que não estão ancoradas exclusivamente no tradicional, mas se apropriam de suas tradições e às mantém em diálogo com o tempo vivido e com as transformações próprias das sociedades localizadas em um tempo e espaço específicos.

As tradições são entendidas aqui como

[...] práticas de longa duração. Isso não significa que se mantenham à margem das modificações provocadas pela dinâmica da cultura. Pelo contrário, constituem a parte mais vulnerável às mudanças provocadas pelos novos padrões de comportamento [...] e ao impacto das mídias e novas tecnologias. (CARVALHO, 2012, p. 15)

As culturas populares seriam, portanto, ainda que não seja possível concluir precisamente uma única percepção lógica, seria tudo o que pode ser capturado, apreendido sensivelmente em uma dada sociedade e tudo que nela é expresso e elaborado: hábitos, gestos, comportamentos, ideias, práticas, etc (BURKE, 2005)

Assim, mergulhados nessa compreensão plural de culturas e culturas populares, nos apropriamos das novas fontes e reflexões que envolveriam o cantador cearense chamado João Siqueira de Amorim. Cantador e narrador, sujeito histórico e social herdeiro de tradições e de transformações culturais. Nascido em Barbalha, Ceará, construiu sua história entre as tradições sertanejas e as transformações históricas vividas em Fortaleza e em demais centros urbanos durante as décadas de 1920 e 1960.

Entendendo que um trabalho historiográfico não se constitui, tampouco se inicia sem fontes, parto do princípio metodológico inicial de “reunir, agrupar, selecionar materiais, perscrutá-los e cotejá-los.”, como afirmou Certeau (2003, p. 81). Fontes estas significadas com exclusividade por cada sujeito que deixou estes vestígios e nós atribuímos a eles o status

de documento histórico, ligados diretamente às escolhas pessoais e ao contexto social ao qual o historiador se configura.

É preciso compreendermos que a organização e seleção de fontes e da produção documental não constituem, por si só, o fazer história. É uma das etapas. Precisamos de mais que documentos. É preciso arcabouço técnico, modos de elaboração e assimilarmos o papel do historiador para muito além de um selecionador de fontes. Incidimos nas reflexões com nossos olhares e subjetividades próprios.

Portanto, precisamos de aparatos metodológicos que conectem de forma inteligível e que, inclusive, sejam mediadores entre o que dizem e como são produzidos os documentos com as nossas sensibilidades e leituras subjetivas de mundo, o lugar de onde o historiador fala, o “lugar social”, no qual Certeau (2003, p.67) afirmou que “É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesse, que os documentos e as questões que lhe são propostas, se organizam.”

O trato metodológico, aqui, está diretamente ligado ao trato com as sensibilidades, a percepção das peculiaridades do indivíduo João Siqueira de Amorim e das suas posturas movidas pelo coletivo ao qual ele esteve sempre inserido. O historiador busca com o método de elaboração

[...]encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva. [...] tenta ler [...] as motivações, sentimentos, emoções e lógicas de agir e pensar de uma época. (PESAVENTO, 2006, p.162)

Associada a essa tradução de subjetividades, percebemos e tencionamos a necessidade de se conhecer minimamente o campo de atuação do sujeito e encontrar uma lógica entre as marcas pessoais do indivíduo e os níveis de relação com a rotina e transformações do coletivo, entre os demais cantadores. (LEVI, 1996)

Quer seja nas crônicas, quer seja na entrevista documentada que será apresentada parcialmente nesse momento, o uso da memória faz-se presente a todo instante dentro das fontes selecionadas. Como afirma Portelli, “história oral é arte e ciência do indivíduo” (PORTELLI, 1997) ela possui técnicas que lhes são próprias, formas de apreender as memórias e produzir um “novo documento” a partir de testemunhos e perceber o que está sendo dito também nas subjetividades dos gestos, dos silêncios dos olhares. Ainda segundo o autor

[...]Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que elas tiveram na vida de cada uma. (PORTELLI, 1997, p. 15)

Sendo esta fonte e o procedimento orientado pela História Oral (H.O.) fundamentais para realizar uma apreensão mais sensível do objeto em discussão para analisar os fenômenos historicamente datados e culturalmente localizados (SPINK E MEDRADO, 1999, p. 41).

O contato com a viúva do cantador, Dona Raimunda de Amorim¹ nos permitiu a realização de uma breve entrevista e algumas datas e sequências nos acontecimentos profissionais do cantador puderam ser esclarecidos.

A entrevista, porém, ultrapassou o objetivo inicial de ser apenas uma fonte de relevância secundária. Percebemos a partir da fala de D. Raimunda uma relação muito forte entre Siqueira de Amorim artista e trabalhador com o Siqueira de Amorim esposo, ambicioso, e audacioso em seus projetos familiares. Siqueira desejava uma arte plena, organizada, festiva e que extrapolasse o Nordeste, muito diferente da falta de rotina e de estabilidade em que sua vida pessoal foi expressa de forma mais profunda através dos relatos de sua viúva, dona Raimunda.

Naquilo que se desenrolou e deu corpo material (fonte) e teórico para meu segundo capítulo da monografia, escolhemos percorrer o emaranhado que liga a vida doméstica e a vida pública do cantador. Teremos aqui, portanto, um extrato desse “lado” particular da trajetória de Siqueira que é, na verdade, a base de todas as suas ações e iniciativas artísticas: o campo familiar, ou, mais especificamente: sua vida com Dona Raimunda.

A escrita, este momento em que, objetivamente, realizamos e expomos nossas metas e planejamento, não é um exercício simples. Com todas as fontes e o manuseio técnico que deve ser feito, com todo o planejamento e objetivos traçados, vai sendo construído a partir do que não sabemos. A sensibilidade da psicóloga ao falar da escrita consegue expressar melhor o sentimento do que foi parte do desenrolar desse processo:

Escrevemos sobre aquilo que não sabemos, sobre o que nos ultrapassa, em uma tentativa teimosa de apreender aquilo que se recusa a ser pego. Escrevemos para tentar dar voz aquilo que nos interroga, nos incomoda, nos inquieta, para descobrir escrevendo o que queremos dizer e que não nos é dado saber de antemão. Na deriva que a escrita impõe, é preciso deixar-se ir. Sem saber bem para onde. Partimos de ideias soltas, de fragmentos, de questões que ficaram em aberto em outros trabalhos,

¹ Em entrevista feita com D. Raimunda, ela diz não lembrar a sua data de aniversário, não considera importante, porém não esquece o sonho que teve com João Siqueira de Amorim antes mesmo de conhecê-lo e descrevê-lo em minúcias. Entrevista, Raimunda Mariano de Amorim, Acarape, Ceará, realizada em 08 de janeiro de 2011.

fazemos do antigo novo, reciclamos. E assim, nossos planos iniciais vão mudando, tomando outros rumos e direções antes, inesperadas. (JOHN, 2006, p. 02)

Dessa forma, elaboramos esta reflexão pautados pela entrevista de Dona Raimunda Mariano e o que ela nos revela. Nesse sentido, é importante deixar nítido que não nos debruçaremos em uma leitura biográfica dentro dos marcos da historiografia. Nosso norte inicial é a partir da compreensão de uma trajetória de vida singular do ponto de vista da originalidade de suas experiências e pioneirismo no emaranhado cultural da época.

Essa trajetória de vida a partir de construção do seu fazer-artístico e profissional nos foi orientado a partir de elaborações do estudioso Pierre Bourdieu. Dessa forma: sua vida no interior, seu crescimento e casamento, seu processo de passagem da vida em sua cidade natal para a capital do Ceará, seu reconhecimento enquanto cantor e as novas experiências de trabalho que a vida lhe impunha constituíram esse tecido subjetivo e plural dos chamados “campos objetivos” sobre os quais Bourdieu se debruçou academicamente e que veremos no primeiro momento da pesquisa.

O campo que será aprofundado aqui será o da vida privada narrada por Dona Raimunda, sua viúva. Sua escrita nos revelou não apenas o que o artista viu e sentiu do/no mundo e nos universos sociais em que esteve imerso; mas nos orientou a como ver, sentir e, sobretudo, refletir sobre ele próprio, Siqueira de Amorim, nestas experiências coletivas ditas e não-ditas por ele. É este o marco principal sobre o qual nossas reflexões estarão assentadas nesta etapa da pesquisa da trajetória do cantor a caminho de um possível desfecho interpretativo.

“O fim da história deve ser, também, a possibilidade de ser comunicada”² (TUCHMAN, 1991). É nossa função, a partir de nossas reflexões, leituras particulares de mundo, e interferências próprias do nosso ofício, visibilizar sujeitos históricos, homens, mulheres, grupos e sociedades esquecidos em meio a tantas informações imprecisas e passageiras.

² Tuchman (1991, p. 48-49) contribui com nossas reflexões ao tratar do ofício do historiador, afirmando que [...]Para que a história compartilhe suas descobertas com o público que delas necessita, é preciso praticar a comunicação como arte, [...]. A história tem, claro, outras partes; além desta outra famosa propriedade, é divisível em três: a investigadora, ou pesquisa, a didática ou teoria e a narrada ou comunicação. Os elementos que entram na comunicação é o que me interessam, porque a história, ao que me parece, nada é, se não for comunicada. A pesquisa proporciona o material e a teoria padrão de reflexão, mas é através da comunicação que a história é ouvida e compreendida.

MEMÓRIAS DE D. RAIMUNDA SOBRE A VIDA DE SIQUEIRA DE AMORIM E O SUBTERRÂNEO QUE AS CRÔNICAS NÃO REVELAM

Nesse momento, desafiamo-nos a buscar fontes que expusessem práticas não registradas ou pouco mencionadas por Siqueira de Amorim. São os “detalhes” não revelados pelo cantador que fortalecem toda a escrita, a compreensão de nossas hipóteses forjadas na pesquisa mais ampla, assim como a própria construção do perfil histórico do sujeito em sua reflexão e em seus fazeres artísticos-culturais-políticos.

Assim, por sabermos dos entraves que o olhar distanciado temporalmente sobre o objeto em questão pode ser problemático para entendermos mais profundamente nosso sujeito, buscamos somar a sua obra outros olhares, lembranças e sentimentos reavivados pela memória despertada (BOURDIEU, 1996) de pessoas que estiveram junto de Siqueira em algum momento de sua trajetória, transformando todos esses elementos em fontes a partir das entrevistas realizadas. Neste momento, nos apropriamos de fragmentos da memória de uma mulher que construiu junto a Siqueira, parte de sua vida na cantoria e posterior a cantoria.

Através da História Oral (H.O.), enquanto método para ampliarmos o olhar sobre nosso objeto no intuito de também apreender os “detalhes corroborativos” (TUCHMAN, 1991) que não foram revelados pelas crônicas, pudemos registrar e ampliar nosso horizonte de análises através da memória popular sobre este sujeito histórico cultural. No processo de perscrutamento da totalidade das fontes para a pesquisa, a H.O. não se constituiu como o método central de análise. Contudo, neste momento, o relato de Dona Raimunda nos foi fundamental para compreendermos melhor a vida pessoal de Siqueira de Amorim. Não por isso, significa dizermos que a H.O. por si só não seja uma evidência confiável. Sua validade é incontestável e necessária. Assim, de acordo com a “fala” taxativa de Paul Thompson que nos faz refletir:

Quão fidedigna é a evidência da história oral?... Se as fontes orais podem de fato transmitir informação ‘fidedigna’ tratá-las simplesmente ‘como um documento a mais’ é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado. (THOMPSON, 1992, p. 138)

Os cuidados metodológicos que competem à História Oral são contundentes e não negam a necessidade, em determinadas análises, de confrontar relatos a outras fontes para verificar a linearidade dos processos. Não devemos romantizar a memória dos sujeitos

achando que todas as afirmações estão alinhavadas num novelo sem nenhum nó, sem margem para questionar ou refutá-la.

A memória falha, confunde e trava tal como uma “máquina” que envelhece e sofre danos que dificilmente são reparados pelo sujeito que possui tal ferramenta. Contudo, em nenhum momento deixa de ser fidedigna ao sentido que o sujeito entrevistado incorporou à lembrança na tentativa de reconstituir fragmentos de algum momento de sua vida. Até as confusões sobre datas, lugares do acontecido, sujeitos envolvidos podem ter um significado relevante e subjetivo no instante em que o fato é exposto, o que torna o trabalho mais rico, plural de informações e menos distante do ‘objeto’ em foco e mais humanizado, menos erudito talvez (THOMPSON, 1992, p.137).

As narrativas registradas e tratadas para constituir um documento histórico são portadoras de sentidos que, ao estarem imbricadas às práticas sociais que também produzem sentidos, nos possibilitam perceber mudanças de comportamento e compreensão de mundo a partir da fala destes sujeitos. A apropriação da dimensão do “sentido” aqui é apreciado a partir do proposto por Spink e Medrado (1999, p.41) que afirma ser

[...]uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem a lidam com as situações e fenômenos a sua volta.

Foi no dia 08 de janeiro de 2011 que tivemos contato com a viúva do cantador João Siqueira de Amorim. Esse “achado”, transformado em documento, foi fruto de outra entrevista feita com o mestre cantador Cesanildo Lima³, no ano anterior, e muito colaborou para esta análise mais específica sobre João Siqueira e a cantoria popular.

Registrar o depoimento desta senhora tão solícita foi fundamental para compreendermos melhor os caminhos percorridos pelo seu companheiro cantador. Porém, a caminhada da pesquisa se revelou muito mais ampla e rica do que poderíamos imaginar.

Na tentativa de “reatar os fios soltos da existência, de vasculhar as conexões e rupturas, de rever o que foi ficando à margem da vida”⁴ (MARTINS, 2011, p. 447)), de Siqueira conhecemos parte da vida da própria D. Raimunda, também cheia de subjetividades tocantes, que marcam todo o tecer da sua vida e certamente suas relações pessoais e a forma

³ Cesanildo Lima é repentista e cantador popular. Sua entrevista foi realizada a partir da pesquisa financiada pelo CNPq, gentilmente cedida pelo coordenador do projeto Francisco José Gomes Damasceno.

⁴ Trecho do livro “Uma Arqueologia da Memória Social – Autobiografia de um Moleque de Fábrica”, escrito por José de Souza Martins. p. 447.

de sentir o mundo. Não dedicar uma parte microscópica desta reflexão à vida de Dona Raimunda que parece ter sido feita para encontrar-se com a vida de João Siqueira seria uma perda lamentável.

Já com a saúde fragilizada, trabalhando muito nos afazeres domésticos e morando com o filho mais velho, Nelson Siqueira de Amorim, conversamos com Raimunda Mariano de Siqueira e percebemos, sentimos e nos emocionamos não apenas pelo relato de uma mulher que foi esposa de João Siqueira, mas pelas palavras carinhosas, pelos olhares de como quem voltava a ver em sua frente as cenas descritas, pelos gestos suaves, pela voz serena e tímida com que expunha suas lembranças.

Numa conversa leve, D. Raimunda rememorou – por vezes, sem muita precisão temporal – sua própria vida até o instante em que Siqueira de Amorim foi cantar no local onde a futura esposa morava. Natural de Guanassés, apesar de não lembrar a data de seu próprio nascimento⁵, desde sua infância a vida já resistia a grandes dificuldades:

[...] ficamos três menino com minha vó, pobrezinha... Meu pai desabou no mundo “foi-se embora”, deixou ela sem nada e nós sofria muito, depois que ela foi pro interior, de Russas, por lá e casou-se, veio buscar os dois mais velhos e eu fiquei com minha avó, pequena né... a minha avó era uma velhinha doente, toda essa coisa, na pobreza. Meus pés era cheio de bicho-de-pé que eu não podia nem andar, “piôï”, ferida, tudo isso, viu?! Ela não podia cuidar de mim. (RAIMUNDA MARIANO DE AMORIM, 2011, p.01)

Compreender a vida de D. Raimunda antes da chegada de João Siqueira é importante também porque conseguimos perceber o que a leva a comentar uma vida tão instável quando casada de forma resignada, resiliente e compreensiva. Quando criança, após o falecimento da avó, foi morar com o pai. Ao chegar à nova morada, sua madrasta a separa dos seus outros irmãos e a leva para morar com uma família de desconhecidos. D. Raimunda nos descreveu brevemente sua vida solitária. Possuía apenas sua própria história de vida e mais nada, mais ninguém. Assim, ela nos revela:

[...] essa casa, desse povo que me criaram, Mas não fui nem criada como gente, fui criada como um bicho. Depois que eu cresci, que eu fui me, me formando, só trabalhando, só trabalhando, depois ele veio simhora pra outros lugares, até que ficou no Maracanaú por muito tempo. Aí toda luta era pra mim. Eu dormia, ela tinha rede guardada tudo, eu dormia numa rede bem pequenininha, que ainda hoje eu tenho uma costela quebrada das quedas que eu levava da rede né... e sujo e tudo, eu pequena, ela molhava na lagoa, me pegava, me esfregava, me dava banho pra tirar meu sujo, ela nunca me deu um banho, nunca me chamou de minha filha, nunca... nunca fez nada por mim. Tudo que eu aprendi foi por minha conta mesmo. (RAIMUNDA, 2011, p.02)

⁵ Apesar da falha da memória, encontramos entre os documentos de João Siqueira o Cadastro de Pessoas Físicas de D. Raimunda cuja data de nascimento é 13 de fevereiro de 1924.

D. Raimunda, durante a fala, transpareceu a formação de uma mulher resignada. Revolver sua própria memória trazia, junto ao olhar distante, a confirmação do sofrimento e do abandono familiar. Fora tratada “como um bicho”, sem afeto, animalizada, sem o mesmo cuidado e respeito que os demais entes recebiam.

Contudo, mesmo sendo nutrida de desamor e humilhação, suportou solitária e pacientemente o desenrolar de sua história: “cresci”, “fui me formando”, “só trabalhando, só trabalhando”, suas palavras de conformação diante do desenrolar da vida foram perceptíveis na sua fala. Foi marcante para D. Raimunda, não apenas a difícil realidade dela e da sua família, a constatação “na pele” de não ter dinheiro para suprir suas necessidades básicas. Para ela, foi/é marcante hoje o abandono afetivo, o desprezo humano sobre seus iguais, sobre homens e mulheres cujas vidas foram partilhadas todas as dificuldades, vindo da própria família.

Antes mesmo de encontrar-se pessoalmente com o futuro esposo, D. Raimunda narra, ainda emocionada, a visão que teve do cantador e o encontro do futuro casal. Poética, suave e simples, ela nos remonta ao/o momento lentamente como quem consegue ver na sua frente a imagem eternizada do tempo vivido:

Eu conheci o Siqueira em sonho, mas depois, isso com, isso foi no dia vinte... 24 de junho, que eu sonhei com ele e vi ele no dia 21 de outubr... de, de outubro. Eu tinha sonhado com ele em junho né?! E vi ele no dia 21 de outubro, eu vi ele. [...] Aí eu, eu sonhei com ele, do jeito que ele, do jeito que ele, vi ele, do jeito que eu sonhei no sonho, ele entrou em casa, conversou com a gente em casa e ele pegou assim no meu braço e saiu olhando a casa toda, dentro de casa né, no sonho (?) e as meninas tudo tinha feito adivinhação e tudo e eu não disse a minha adivinhação não, fiquei calada, só disse à Lurdes, essa menina que era criada com a gente também, aí ela disse assim “mas é possível (?), quem será?!” Aí eu disse, por aqui não é não, que tinha a mercearia, eu despachava na mercearia, não veio ninguém ainda nem parecido (risadas) aí tinha um sobrinho do meu pai adotivo, que é de Mossoró, Manoel Calixto, cantador, foi pra Canindé, quando chegou em Canindé viu o Siqueira também em Canindé, tirando retrato com essas máquinas viu...aí ele disse que era muito amigo desse rapaz que era sobrinho do meu pai adotivo e disse “olha Manuel, você, olha Siqueira, eu quero convidar você pra ir numa cantoria no Maracanaú, na casa da doutora dona, da vereadora Neusa Monteiro, que é num dia 15 de outubro, pra você ir né, no dia 15 de outubro. Ele disse “ta certo, como é que eu vou?” disse “eu vou lhe esperar na estação do Maracanaú”, o Manuel. Foi na, no dia 15, que a cantoria era num dia de sábado e o Manuel foi esperar ele, Manuel morava na nossa casa e ele ia pra casa duma parente dele, de frente la em casa, mas nem sabia que ele era parente daquela gente né. Aí foi pra lá, quando ele, na hora do almoço ela mandou, tinha uma casa aqui e a mercearia era aqui, que essa aqui tava em limpeza, aí nós fomos pra essa aqui enquanto limpava a casa. Ela disse “menina vai buscar a farinha pra fazer o almoço” Aí eu entrei numa porta e saí na outra né e ele me viu, o Siqueira. Aí perguntou o Manuel, bem que (?) fazia três dias, duma moça que, acho que quando ele chegou que viu essa moça entrando numa casa, saindo duma casa e entrando na outra e não viu mais essa moça né, nem entrar nem sair. Aí Manuel

disse “essa moça é uma menina que meu tio, filha adotiva do meu tio, ela tem, é dona de casa, quem toma de conta ali de tudo, ali é ela. Aí ele... todo enxerido, todo ali, aquela coisa (risadas) mandou, aquela coisa, aquela coisa meio de cantador né, (risadas), mandou uma coisa muito chorosa e apaixonada e triste pra mim né, eu não mostrei a ninguém, eu tava engomando a roupa, o rapaz chegou com a carta, aí ele só levantou assim na toalha, a ponta da toalha e meteu a carta, que lá em casa ninguém lá queria que eu namorasse nem casasse, porque eu era que tomava conta de tudo mesmo. Aí era, aí eu fui e mostrei a uma colega minha, Mariquinha, uma senhora vizinha que morava a nós, aí ela disse “Raimunda, queira, Raimunda. Queira, senhor Siqueira é uma pessoa muito conhecida o mundo todo viu, queira. Esses velhos morrem, você fica na companhia de quem? Dos filhos deles? Das noras? Case Raimunda. Se você quiser, eu faço a resposta.” “Pois faça lá como você quiser” Aí ela fez. Aí ela fez e eu, mandei entregar a ele, aí foi que ele veio meio, eu tava só na brecha da janela, conheço essa menina, aí ele falou se eu queria casar com ele, falou na história da carta, aí eu disse: “senhor Siqueira, o senhor quer casar comigo? Mesmo?” “Aí, é claro, isso já foi minha mãe quando, que em sonho eu vi minha mãe que era a moça que eu podia casar era com você né?! Ele foi... de muitas mulheres viu, foi um homem de muitas mulheres viu, aí ele... aí eu disse **“Olhe senhor Siqueira, eu sou uma moça pobre, eu não tenho nada, eu vivo com essa família, mas quem trabalha por mim sou eu mesma, viu? Eu aprendi com muito trabalho. Aprendi a bordar na mão, fazer minhas roupas na mão, fazia né?! E não to contando com... (?)** as roupas que eles iam me dar era um saco pra eu fazer um vestido pra mim viu, saco... saco mesmo, daquelas mercadorias, da bodega, viu... eu fazia, botava numa tinta e eu vestia, até pra dar sabão pra lavar minha roupa, (?) dessa menina, eu lavava de noite, bem devagarinho, pra ela não escutar o chiado da água viu. Aí eu disse: “seu João Siqueira, eu sou uma moça pobre, eu só tenho minha vida, eu não tenho pai, eu não tenho mãe, eu não tenho irmão, eu não tenho parentes, eu não tenho ninguém viu.” **Aí ele “tem nada não, eu também não tenho nada, disse assim eu também não tenho nada, mas depois a gente arruma tudo.” Hora, um mês e um dia não dá pra arrumar nada né, ele não tinha, só quando fazia uma cantoria... cantoria ou batia foto, chegou batia foto daquele povo pobrezinho por ali, acabou, pronto, não tinha mais nada né.** Aí ele foi não sei aonde, numa feira não sei aonde, comprou uns tamboretim da cabecinha assim, redondinha né... e uma mesinha e uma caçarolinha já com o pedacinho assim já arrancado né, com defeito né, dois prato, uma faca e um garfo e duas colher, ele comprou e eu comprei um potinho e duas panela de barro. E, essa mocinha Mariquinha que escreveu a carta, ela me deu umas latinha pra eu botar café, outra pra botar o açúcar, outra pra botar o, só o que quiser, o tempero. Aí tinha uma banda de mala velha, só encostada, eu levei essa banda de mala velha, botei uns tijolo assim e ajeitei uns papelzim impinicado na tampa dela pra fazer o armariozim né, ali era o meu armário. **Mas era feliz, (?) uma casa boa e tinha dia que eu não tinha nada pra comer, ele saía, não deixava nada pra eu comer, não tinha nada pra eu comer né, mas a gente não se maldizia, não reclamava nem nada, eu fiquei tão magra, tão acabada.** (Grifos nossos.)

Ser adulta, para D. Raimunda, foi uma imposição e seu crescimento deu-se obrigatoriamente pelo trabalho doméstico, cuidando da casa, cuidando “de tudo” como mesmo disse, vestida com sacos de guardar mercadoria de bodega. Trabalho duro e, ainda assim, pouco valorizado. Ser doméstica era como se sua função social fosse secundarizada e sua própria vida reduzida à “insignificância” de quem vivia dentro de casa sem outras possibilidades de intervir e ser no mundo.

As dificuldades financeiras, a inconstância e a insegurança de não ter um local fixo para morar, a dúvida sobre em quem confiar perseguiram a vida desta mulher até mesmo após a união entre o casal, uma vez que a condição social não sofreu grandes transformações positivas, ligadas, especialmente, a questão financeira.

O ser cantador levava a arte do repente, mas também carregava a marca conhecida de os cantadores serem amantes de muitas mulheres, como ela própria já caracterizava como “coisas de cantador”, chegando depois a afirmar que Siqueira foi um “homem de muitas mulheres”.

Ela não possuía nada, ele próprio também disse que nada possuía de bens materiais, apesar de ser “uma pessoa muito conhecida” a ponto de ter contatos para cantar em um jantar para uma vereadora da época. Objetivamente, sua popularidade não rendeu uma farta conta bancária. O casamento, oficializado em 1949, como a própria D. Raimunda disse durante a entrevista: “[...] quando foi em 49, nós casemo, dia 21 de novembro de 49”, iniciado, literalmente, a partir de um sonho não melhorou concretamente a vida do casal. Como veremos adiante as dificuldades financeiras da família Amorim perdurou até o final da vida do cantador.

Por todas essas problemáticas, o improviso do repente não era (não poderia ser!) a única fonte de renda de Siqueira. O cantador, antes de conhecer D. Raimunda, já trabalhava também como fotógrafo. Junto a sua esposa, “faziam arte” também com a renda que o trabalho garantia ao longo dos meses e anos de matrimônio, e trabalhou também como redator, durante muito tempo (sem precisar o período exato), no jornal O Estado⁶.

Contudo, inegavelmente, foi como cantador do improviso e da cultura popular que Siqueira percorreu o sertão e o litoral, o campo e a cidade, os lugares e os grandes centros urbanos. Percorreu parte das cidades do Nordeste do país e apesar de termos poucas informações mais precisa, sabemos que Siqueira trabalhou também na Rádio Iracema em 1950, algo não muito comum para a cantoria nordestina que ainda lhe recaía muitos estigmas e restrições nos grandes meios de comunicação.

D. Raimunda mostrou em sua fala alguns apontamentos importantes sobre toda essa trajetória. Emocionamo-nos profundamente com sua narrativa. A braveza e segurança de sua decisão em casar com o homem com o qual literalmente sonhou foi, talvez, a maior audácia

⁶ Essa afirmação partiu do próprio cantador, em uma crônica publicada no periódico Tribuna do Ceará: “O Cantador Chora em Versos”. Em 12.08.1960, p. 73.

de sua vida. Aparentemente fadada à subserviência doméstica de alguém que vivia de favores dos amigos do cantador, Dona Raimunda e o cantador permaneceram companheiros na luta por se manterem firmes em meio a tantas dificuldades até a morte de Siqueira de Amorim.

Ainda que a vida financeira e o acesso a bens materiais fossem bastante precários, João Siqueira gostava de manter-se bem vestido, ele “gostava de muito luxo”. O cuidado estético não era menosprezado apesar da realidade doméstica e familiar ter sido difícil, como relatou D. Raimunda. Quando as cantorias aumentavam, aproveitava para garantir peças de roupa mais elaboradas para suas apresentações na cantoria

Aí ele fez umas cantorias boa viu, comprou um terno bom pra ele, gostava muito de marrom, viu, comprou um terno bom pra ele, ele comprava numa casa, numa casa lá que ele comprava, igual, terno igual, o chapéu, o calçado e tudo, tudo muito bom, ele era muito... gostava muito de luxo viu. Aí ele foi dá outra cantoria, aí ele comprou um vestido pra mim, comprou dois vestidos pra mim, desse jeito a mulher olhava, eu usava combinação viu e uma calça... (risadas) e eu... comprou uma sandália e um colar, eu com aquele vestido que to ali no retrato, mesmo na parede não sei se tá vendo, com aquele vestido, mandou uma moça fazer, foi comigo na casa da costureira aí a moça fez meus dois vestidos e a vida melhorou pra nós. (Grifos nossos)

Sua narrativa revelou-nos ainda, as condições difíceis de fazer cantoria naquele período. Um fazer-artístico ainda não profissionalizado, mal remunerado, instável e não reconhecido como um labor sério. A peregrinação para se apresentarem e conseguirem renda suficiente com o improvisado era muito árdua. Essa realidade, certamente, foi vivida por muitos outros interioranos que foram obrigados a trabalhar desde cedo para ter o que comer e endureceram sua infância transformando-se rapidamente em adultos responsáveis pela sobrevivência de toda uma família. Conjuntura que ainda persiste nos sertões e no campo no tempo presente. Provavelmente, poucos conseguem fazer poesia após tanto tempo de dificuldades como conseguiu fazer a cativante D. Raimunda.

A entrevista feita com D. Raimunda, não nos expôs apenas ao esposo Siqueira, ou às influências do seu trabalho-arte na vida privada e pública sob o seu olhar. Revelou-nos parte da trajetória de vida da mulher Raimunda Mariano. Não foi Siqueira de Amorim que deu vida a ela ou vice-versa, a troca e a cumplicidade na rotina pareceu evidente durante a entrevista. Isso não minimiza o fato de que o seu matrimônio não a colocou em uma situação de privilégio. Seu companheiro “trabalhava fora”, construiu uma rede relações e contatos que D. Raimunda jamais desfrutou. Por sua vez, ela trabalhava dentro de casa e na obrigação de transformar o pouco dinheiro que entrava em seu lar em comida e contas pagas. Seu trabalho, contudo, nunca foi remunerado.

A força e a docilidade permaneceram ao falar das dores e constrangimentos vividos por ela e seu companheiro. Nos pequenos relatos, nas lembranças mais longínquas pudemos sentir como foi sua vida desde as primeiras lágrimas do abandono familiar até a leveza em dar força ao seu companheiro, independente das dificuldades que a escolha pela arte da cantoria desencadearia em suas vidas.

A memória expressa de D. Raimunda não permaneceu intacta do período em que os acontecimentos foram vividos para o exato momento da fala. O sujeito sócio-histórico, ao longo da vida, incorporando novas experiências, imbricado em novos lugares sociais, reproduz aquelas antigas experiências em sintonia com o tempo presente. Sua memória está associada ao exato momento que se fala, não unicamente ao período que foi experienciado os fatos, as saudades, as dores ressentidas, as dores que ficaram submersas pelo próprio inconsciente, carregando uma vida já saturada de desafios outros que foram selecionados para mostrar o tamanho do sofrimento e não parecer um lamento sem causa.

Como não se sensibilizar ou até indignar-se ao ouvir de uma senhora que, em sua juventude, costurava roupas de sacola de mercantil e que sequer poderia gastar o sabão para lavar roupas se não fosse para lavar apenas as roupas da família adotiva? Eis a revelação das memórias e a alquimia surpreendente e singular que as lembranças são capazes de “produzir” para a História e outras ciências humanas.

Numa comparação com outra natural ação humana, D. Raimunda revolveu sua memória como terra a ser arada, a terra retirada, que agora, por cima, não tem a mesma forma de quando estava por baixo, escondida sob tantas outras experiências mais recentes. A terra está em contato com outras partículas, com o ar, o sol, com a ação do Homem. Assim é a memória: faz parecer que foi deslocada intacta e romanticamente do tempo em que foi vivida a lembrança até o instante no qual é revelada. Ao contrário, passa por inúmeras ressignificações ao longo de processos internos que não nos é permitido conhecer genuinamente. São outras emoções, porque quem fala já não é mais o/a mesmo/a que viveu tais experiências (BOSI, 1994).

São detalhes, movimentos, palavras ditas, silêncios compartilhados que mesmo diante de tantas fontes analisadas e confrontadas, o ofício do historiador, possivelmente, jamais conseguirá apreender e tomar para si. Eis o mistério que embeleza e mantém algumas histórias em segredo até mesmo para quem tratou de cada indício registrado (TUCHMAN, 1991), pois, ao passo que o que foi apreendido é plural de interpretações e de significações, é

também individual e subjetivo, requer menos generalizações e mais flexibilização para entender algumas relações sociais e históricas a partir desses rastros.

Ao historiador, balizado pelos recursos teórico-metodológicos, previamente selecionados, aliados às particularidades (in)decifráveis das fontes que operam diluídas à memória humana de cada sujeito, cabe sentir e refletir sobre as possíveis nuances e transformações nesta intensa relação passado-presente.

São ações renovadoras e reveladoras cada vez que a História incide sobre o sujeito analisado. O fato, o processo, o acontecimento, enfim, recebem interpretações múltiplas, não é apenas uma retomada cristalizada do passado. Percebemos a partir dessas ações (ou práticas) humanas os traços culturais, os entre-lugares (BHABHA, 2003) experienciados deste recorte temporal e suas oxigenações de acordo com a própria história da cantoria que serão discutidas posteriormente. A cultura tecida a partir dessas relações se reveste como

[...]um ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; **ela renova o passado, reconfigurando como um “entre-lugar” contingente**, que inova e interrompe a atuação do presente. **O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver** (BHABHA, 2003, p. 27. Grifos meus.)

Neste sentido, a necessidade de compreender a partir do olhar do presente de Dona Raimunda sobre momentos tão antigos se faz fundamental. Não apenas na perspectiva mais ampla entre o tempo no qual a entrevistada foi narrada e o próprio tempo narrado, como também entre o passado privado do cantador até o seu “tempo presente” em que participava da cantoria e, posteriormente, durante sua escrita para os periódicos.

Os acontecimentos do tempo presente, que foram enovelados por essa sequência de acontecimentos ainda mais antigos, são relevantes para tentarmos compreender com a maior verossimilhança possível a trajetória deste sujeito sócio-histórico. Assim, não consideramos esse relato de vida como uma mera nostalgia ressentida, mas como um elemento que nos possibilitou observar com maior materialidade os entre-lugares, os meandros, as miudezas que detalham nossa (tentativa de) reconfiguração histórica e cultural de Siqueira de Amorim.

Não buscamos estabelecer – com o uso das crônicas de Siqueira e com a entrevista da viúva Raimunda - uma relação de hierarquização entre os tempos de falas e de testemunhos sobre o objeto ou entre o que já foi vivido, com a análise do “agora”, repleta de novas informações e fusão de outras histórias.

Assim, a busca pelo registro histórico desse vivido e a escrita de João Siqueira é a relação final entre o encontro concreto do passado com o presente no qual d. Raimunda nos revelou sua história. É nesta relação em que se localiza(m) a(s) linguagem(ns) que pode(m) nos desvendar mais nitidamente os elementos que ajudam a configurar a trajetória histórica e cultural de João Siqueira e seus entre-lugares. Assim, não devemos afirmar que o passado ilumina o presente ou que o presente ilumina o passado. Preferimos compreender como uma relação de troca que se retroalimenta, a memória, o lugar de fala e o instante em que se sente. Essa compreensão se concretiza na linguagem e em como esta foi elaborada. Vejamos uma imagem,

ao contrário, é onde o Antigo encontra o Agora em um raio para formar uma constelação. **Em outras palavras, a imagem é a dialética passada. Porque, enquanto que a relação do presente com o passado é puramente temporal, contínua, a relação do Antigo com o Agora é o presente da dialética: não é algo que se escoe, mas uma imagem descontínua. Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas [...]** e o lugar onde são encontradas é a linguagem. (BENJAMIN; 1997)

Com isso, garantimos nossa confiabilidade da concepção teórico-metodológica orientada pela História Oral que materializa a relação, o (possível) confronto, os mistérios e os esclarecimentos entre o antigo e o agora. Entre o que foi dito de um processo que não é mais palpável com a realidade do sentimento que transborda da fala e é eternizado na escrita.

O enlaçamento dessas duas formas de linguagem transcende a objetividade e superfície da vida dos sujeitos em questão e revela ligações mais profundas. Existe na fala e na sua eternização (documentação) na escrita, um elemento para além do dito. É a magia que a linguagem transmite (transcende) cujo conteúdo não pode ser materializado, e mesmo assim não o torna menos real.

A memória transforma (ou ratifica, minimamente) interpretações, acrescenta informações - mesmo que sejam pequenos detalhes dos processos e até mesmo omissões e esquecimentos - a partir dos quais o objeto passa a ser nutrido de tal forma que os documentos históricos, as fontes iniciais, geralmente mais precisas nas datações, passam a exigir, mesmo com essa maior precisão temporal, a busca pelas entranhas, pelo subterrâneo.

Esses detalhes presentes na memória de Dona Raimunda nos permitiram ter acesso a questões, antes, sabidas por nós de forma mais objetiva relatada nos periódicos. Em sua memória, os sentimentos desenvolveram uma narrativa mais profunda, dolorida. Foi para além de um relato ou uma informação disponibilizada mecanicamente. Aqueles/estes

elementos que poderiam ser apresentados publicamente, mas que são/foram excluídos por algum motivo não revelado, a História Oral pode ascendê-los de forma surpreendente. Foi o que aconteceu com Siqueira de Amorim.

A trajetória de vida do cantador foi construída com o auxílio de outros olhares sobre Siqueira de Amorim. Fragmentos de história (uma vez que não nos propusemos a realizar sua biografia) de um cantador cuja vida não foi apenas construída por aplausos e reconhecimento.

A tentativa de reconstruir parte de sua vida observada por elementos externos a ele próprio certamente enriquece a compreensão do sujeito e contribui para o objeto ser melhor refletido. Perfis de um único sujeito revelado pelas diferenças de convivências e espaços de experiências trocadas. Olhares de profissionais da cantoria que dividiram com ele momentos relevantes para a construção do imaginário que é tecido sobre este sujeito.

O depoimento de D. Raimunda foi relevante para tecermos compreensões mais profundas sobre Siqueira de Amorim e trazer à superfície, fragmentos da vida do cantador. Infelizmente, não conseguimos realizar uma segunda entrevista com a viúva, infelizmente. Apesar desta perda de fragmentos da vida íntima do casal, certamente nos seriam reveladas outras impressões,

Memórias que nos permitem caminhar sobre algumas pegadas de João Siqueira, não com a ilusão de parte dos historiadores de resgatar sua história, mas sim, para compreender os processos e as possibilidades de encaixe com outras vivências, e, sobretudo, (re)significá-los num contexto histórico sociocultural mais amplo em consonância com as peculiaridades de formação e de vida próprias do/a historiador/a.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política.** São Paulo Brasiliense. 1997.

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2013

BOURDIEU, Pierre. 1986. A ilusão biográfica. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da História Oral.** Rio ed Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

_____. **Esboço de auto-análise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

_____. **Cultura de Massa e Cultura Popular.** Leituras de operárias. 13.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BURKE, Peter. Culturas Populares e Cultura de Elite. In.: **Diálogos, UEM, 01:01 - 10, 1997.** (Palestra proferida, em 23/03/1996, na Universidade Estadual de Maringá - UEM - Maringá/PR).

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** 3 a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999. DEBERT, G.G. Problemas relativos à utilização da história oral de vida e história oral. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos & abusos da história oral.** 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. **In: Estudos Históricos;**

DAMASCENO, Francisco J. G. **História(s) E(m) Arte(s): Reflexões Sobre Sujeitos.** (Org.) Campina Grande (PB): EDUFCEG, 2012.

_____. **Nos Caminhos da Vida de Siqueira de Amorim.** Campina Grande (PB): EDUFCEG, 2012.

LEVI, Giovane. Usos da biografia. 1989. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da História Oral.** Rio ed Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

KOFES, Suely. **Uma trajetória em narrativas.** Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MARTINS, José de. **Uma Arqueologia da Memória Social – Autobiografia de um Moleque de Fábrica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

____. e LANGUE, Frédériqui. (Orgs) **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sócias. Porto Alegre. UFRGS, 2007.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História n 15**. São Paulo, abril 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**. História Oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TUCHMAN, Barbara W. **A prática da História**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

Artigo recebido em outubro de 2021. Aprovado em dezembro de 2021.